

COLABORAÇÕES

COLONIZAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL

por **Maria F. de Souza Docca Pacheco**
do Conselho Nacional de Geografia

Através de informações prestadas pelas câmaras da Laguna e de São Francisco, em janeiro de 1715, ao paulista Sargento-mór Manoel Gonçalves de Aguiar, incumbido em 1714 de importante missão política e social nos portos do sul, e por este transmitidas ao general Francisco Távora, Governador do Rio de Janeiro e capitânias do sul, e ainda pela expedição realizada nesse mesmo ano por João de Magalhães, ficou comprovada a conveniência e a necessidade de se povoar o fértil território do Rio Grande.

Não esqueceu o Governador português o povoamento de nosso sólo e em 1717, à propósito de uma petição de Sebastião da Veiga Cabral, requerendo doação da ilha de Santa Catarina, mandou D. João V que o governador de Santos informasse acerca dos recursos e do estado dessa ilha, bem assim das terras que se estendiam até Tramandai.

Bartolomeu Paes de Abreu escreveu oferecendo-se ao rei, em maio de 1720, para, por meio de uma estrada, ligar o Rio Grande a São Paulo, sem onus para a fazenda real, mediante as seguintes mercês: «ser donatário de 40 léguas de terra, abeirando o Rio Grande, vinte para a parte do norte e vinte para a parte do sul, medidas por costa com todo o sertão que se achar pertencer a vossa Magestade, de juro herdade para sempre, com padrão de 200\$000 estabelecido na passagem do Rio Grande sendo capitão-mór daquelas campanhas». Havendo demorado a resposta quando veio, trazida por Rodrigo Cesar de Menezes, governador de São Paulo, já

Bartolomeu se achava em Mato Grosso, a frente de outra empresa, sem ter podido assim, abrir o caminho proposto.

Disse, em 26 de agosto de 1721, ainda o Sargento-mór Manoel Gonçalves de Aguiar, respondendo a um longo questionário de Antônio de Brito Menezes, governador e capitão general da cidade do Rio de Janeiro e Capitânias do Sul, que era necessário se abrissem «comunicações regulares para o Rio da Prata, já pelo costa, a partir de Paranaguá, por meio de postos militares, já pelo interior, comunicando o litoral da Laguna e Rio Grande pelos sertões em Curitiba e São Paulo». Prestou, relativamente ao Rio Grande valiosas informações acerca dos rios que corriam em sua costa até o mar, da barra do Rio Grande, da quantidade de peixes, da abundância de gado e facilidade em creá-lo, da riqueza em «madeiras boas e de toda a casta», dizendo ainda quanto às terras «são as melhores e as de mais fertilidade que tem todo este Brasil».

Rodrigo Cesar de Menezes, governador de São Paulo, depois de ouvir, em 1722, a um informante inculcado por Aguiar como bem conhecedor da situação e estado das cousas do sul — representou ao rei acerca da «grande utilidade que havia em se mandar povoar o Rio Grande» não se devendo dilatar a resolução no sentido de povoar aquela fronteira», de cuja capacidade, pela abundância e fartura, se podia fazer uma das maiores povoações da América».

Em consequência da representação do governador de São Paulo, opinou o Conselho Ultramarino pela conveniência do povoamento do Rio Grande, dizendo em seu parecer de 15 de junho de 1723 que «por este modo não só asseguraremos melhor aquela costa e a Nova Colônia do Sacra-

mento mas se aumentará muito a fazenda real e os vassallos de Vossa Magestade lucrarão por este meio os avultados interesses.»

Sem ordem expressa, mas sim por deliberação própria resolveu, Francisco de Brito Peixoto, em fins de 1725, iniciar o povoamento do Rio Grande do Sul, no que foi impedido pelo povo lagunense que protestou contra a saída de seu capitão-mór. Brito Peixoto «com bem má vontade ficou e logo despachou a frota» para o sul «com todo o gasto de sua fazenda». Escolheu novamente seu genro João de Magalhães que com trinta companheiros paulistas e lagunenses partiram de Laguna com o objetivo de povoar o Rio Grande do Sul.

Fixaram-se, então nos seguintes pontos: Magalhães, em Viamão, depois de ter fundado uma estância nos campos de Tramandaí; Sebastião Francisco Chaves localizou-se ao Sul do arrôio da Azenha, na atual capital riograndense; Dionísio Rodrigues Mendes em Belém Velho, indo sua estância até a ponta do Dionísio, no Guaíba; Clemente Francisco Manoel localizou-se ao sul de Pôrto Alegre, em frente a ilha de seu nome; Sebastião Francisco Peixoto, Agostinho Guterres e Manoel Abreu dos Santos localizaram-se nos campos de Viamão, dando o último o nome à ponta de Abreu, na lagôa dos Patos; Francisco Xavier de Azambuja fundou uma estância à margem esquerda do Gravataí; Inácio Francisco, fixou-se no morro de Santa Ana ou seja na colina em que hoje assenta o centro da cidade de Pôrto Alegre e abriu um pôrto no Guaíba a que chamou São Francisco e foi mais tarde o Pôrto dos Casais; Francisco Pinto Bandeira tinha seu estabelecimento entre o Gravataí e o Itapuí (rio dos Sinos); e Cosme da Silveira, português, foi um dos fundadores de Viamão, tendo mais tarde se fixado definitivamente nos campos do Rio Pardo, onde obteve uma sesmaria.

O ativo governador de São Paulo, Rodrigo Cesar de Menezes mandou, em fins de 1726, que o tenente de mestre de campo general David Marques Pereira fosse a vila de Laguna com o objetivo de «dar calor à povoação de Rio Grande de São Pedro». Procurando a câmara lagunense foi por esta informado de que dado o pequeno número dos habitantes da vila convinha que viessem para povoar o Rio Grande casais sustentados no primeiro ano, pela real fazenda.

Convinha ainda ser facilitada a entrada da barra visto ser difícil o transporte por terra. Entre os vereadores que

forneceram essas informações figura o nome de João Rodrigues Prates, que foi depois, dos primeiros povoadores do Rio Grande e tronco de uma das mais importantes famílias gaúchas.

Foi então iniciada, em 11 de fevereiro de 1728, a abertura do caminho no sítio chamado Conventos «rompendo matos fechados» por Francisco de Souza Faria, «sargento-mór das visinhanças de Rio Grande de São Pedro e seus sertões». Atingiu os campos de Vacaria riograndense, em março de 1729, rumando daí para os Campos Gerais de Curitiba, onde chegou em setembro próximo, pondo assim o nordeste do Estado em comunicação com São Paulo.

Cristovão Pereira transitou em 1732, por esta via, melhorando-a e ao chegar ao planalto abriu à sua custa uma variante para oeste, ficando a estrada ao seu dizer «na última perfeição, com estivas, canoas em rios e mais de 300 pontes», podendo aquele caminho ser percorrido «em menos de um mês, por gente escoteira».

Uma vez aberto o caminho para o Sul por Souza Farias, viu Antônio da Silva Caldeira Pimentel, então governador de São Paulo a premência de ser fortificado o pôrto do Rio Grande, representando neste sentido ao Governo português, em junho de 1731, a fim de que outra potência não tomasse aquele pôrto, expondo assim as minas de Cuiabá e Goiás e também toda a capitania de São Paulo.

Em 12 de janeiro de 1732 concordou com esta medida o Conselho Ultramarino dizendo: «Será mui conveniente que Vossa Magestade seja servida mandar logo fortificar o pôrto do Rio Grande de São Pedro, da banda do Sul, para se evitarem todas as perniciosas consequências que se podem seguir desta passagem se achar sem fortificação, em perigo evidente de ser ocupada pelos Castelhanos». Trata a seguir da remessa de tropa e 20 peças de artilharia. O govêrno, entretanto nada resolveu.

O brigadeiro José da Silva Paes, governador do Rio de Janeiro, apresentou em fins de 1735 um projeto acerca do povoamento do Rio Grande de São Pedro, oferecendo-se para as diligências que fossem necessárias. Ao dar seu parecer em 2 de janeiro de 1736 o Conselho Ultramarino, recordou o que dissera já em 22 de janeiro de 1732, acrescentando: Quanto ao projeto que o mesmo governador remette para o estabelecimento de uma Colônia no Rio Grande de São Pedro do Sul

parece ao Conselho conveniente que Vossa Magestade se sirva mandar passar as ordens necessárias para que este estabelecimento se faça, pois parece própria a este fim a conjuntura presente, para que tenha efeito o que nesta matéria tem o Conselho representado a Vossa Magestade, ou a despesa seja feita pela Fazenda Real o que faria mais pronta execução deste projeto e por tanto seria mais conveniente ou por uma companhia com se propõe no papel de que o dito brigadeiro remete a cópia». Referiu-se ainda o Conselho Ultramarino à urgência da construção de meios de defesa, mandando-se para esse fim um engenheiro e à necessidade de ser feito o povoamento por casais das ilhas, para aumentar a povoação do Rio Grande e estabelecer outras naquela costa, lembrando ser o aumento de povoados o que viria a decidir a questão dos limites entre as corôas de Portugal e Espanha.

Três meses após deu o governo português instruções precisas a Gomes Freire para que se desse início ao povoamento oficial do Rio Grande de São Pedro do Sul.

Constavam as referidas instruções dos seguintes itens: defesas da colônia do Sacramento; expulsão dos castelhanos das ilhas de São Gabriel; ocupação e fortificação de Montevidéo; exame da posição de Maldonado, para servir de ancoradouro aos navios que se destinassem à Colônia; e ocupação e fortificação do porto do Rio Grande de São Pedro, por forças de terra, às quais estava confiada a missão de, após sua ocupação no Rio da Prata fundar o primeiro estabelecimento oficial no território riograndense, garantindo desse modo sua posse para Portugal.

O povoamento deveria ser feito inicialmente por moradores do Rio de Janeiro, que segundo Silva Paes haviam muitos desejosos de ir para aquela região. Depois mandaria S. Magestade casais das ilhas.

Diziam as instruções do rei com relação ao povoamento que nas datas de terra deviam ser observadas as disposições do regime em vigor, evitando-se desigualdade e excessos e devendo participar dessas datas «senão pessoas que verdadeiramente estivessem estabelecidas no dito País». Quanto aos indígenas, especialmente os Minuanos, recomendava que fossem tratados com benignidade, porquanto «sempre mostrarão inclinação ao meu serviço e à Nação».

Silva Paes não podendo ocupar Mai-

donado procurou o porto de São Pedro, onde chegou a 19 de fevereiro de 1737, aí encontrando já Cristovam Pereira com quem havia se entendido em julho anterior, acerca da ocupação.

Já haviam sido concedidas sesmarias, em 1732-3, nos campos de Tramandaí, na paragem das Conchas, ao Cap. Manoel Gonçalves Ribeiro, Juiz ordinário em Laguna e a Francisco Xavier Ribeiro. Em 1735 Francisco de Brito Peixoto pediu terras «ao longo da praia que vai acabar no Rio Grande de São Pedro» as quais lhe foram negadas através a informação dada pelo Conde de Sarzedas, capitão geral e Governador de São Paulo, que disse se opôr à concessão pedida o interesse a o «sossego dos povos que se acham estabelecidos em fazenda de gado e cavalgaduras na distância de 45 léguas mais ou menos que há de ter de Tramandaí ao Rio Grande». No mesmo ano refere-se Silva Paes em carta ao padre Capaci, que seria conveniente sondar e conservar a entrada do Rio Grande «onde se acham portugueses nossos».

Em 1736, desceu Cristovam Pereira, por ordem do Conde de Sarzedas, à frente de um corpo de 160 «Paesanos Aventureiros», para ocupar oficialmente o porto de São Pedro. Tinha este corpo como Sargento-mór Francisco de Souza e constava de 4 companhias, das quais eram capitães: Francisco Pinto, João Mendonça, José de Melo e Nuno Alvares Pereira, figurando entre os alferes Manoel Pinto Bandeira. Cristovam Pereira entrincheirou-se no porto do Rio Grande de São Pedro, montando 4 peças de artilharia de pequeno calibre, após ter infringido derrota em uma grande partida de Tapes, que andava espalhando e arrebanhando gado. Colocou, para maior segurança, guardas nos pontos de acesso ao local em que se achava: 10 homens, a 2 léguas, no lugar do Arrôio, sob o comando de um alferes; e 40 homens em São Miguel, mais para o Sul, às ordens de um capitão. Já estava desse modo militarmente ocupado o porto de São Pedro, quando aí aportou, a 19 de fevereiro de 1737 Silva Paes com 254 homens das tropas auxiliares do Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais, conduzidas nas galeras «Leão Dourado» (Capitanea) e «Bonita», no bergantim «Bicha Cadela», na balandra «Del Rei», na corveta «São Francisco Xavier e Santa Ana» e na sumaca «N. S. da Conceição». Desembarcaram, além da tropa, outras pessoas e alguns escravos. Conservou Silva Paes as guardas estabeleci-

das por Cristovam Pereira, colocando outras mais, em Taim e Chuí. Tratou da construção de uma fortaleza no pôrto do Rio Grande (e não no Chuí) dando-lhes o nome de «Jesus, Maria e José» onde aquartelou a tropa. Levantou ainda três redutos: um na Mangueira, outro no Arrôio e o terceiro em Taim, dando início ainda, a uma importante fortificação no Estreito, destinada ao aquartelamento da tropa.

Já estava portanto ocupado por particulares o litoral riograndense quando o foi por tropas militares.

Além das concessões de terras já relacionadas haviam sido ainda concedidas sesmarias a muitos estancieiros localizados entre o Estreito e o Chuí, de acôrdo com as instruções do governo português, datadas de 24 de março de 1736, figurando os seguintes nomes: Domingos Martins, na Estância dos Palmares; Francisco Seixas, na Estância da Alagôa; Manoel de Barros, na Estância de S. João; José da Silva, na Estância da Banda do Arrôio; Manoel Gonçalves Brandão, na Estância do Rincão; Miguel Moreira na Estância Cuiabá; Francisco Xavier Luiz, na Estância do Capão de Cuiabá; Domingos Robalo, na Estância da Banda de Mirim; Fernando Ribeiro, na Estância do Caminho da Mangueira. Também os campos de Viamão já estavam povoados, tendo sido conferida por Silva Paes, em 12 de março de 1737, a patente de tenente de ordenanças dos campos de dentro de Viamão a Sebastião Francisco Chaves.

A correspondência do Conselho Ultramarinho com Gomes Freire, dêste com Silva Paes e dêste com André Ribeiro Coutinho e João Tavora relativamente ao ano de 1738, refere-se à contínuas remessas de casais do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul, juntamente com mulheres destinadas a casar com povoadores da nova Colônia.

Assim quando em 1752 aportaram ao Rio Grande os casais de número, já encontraram aqui um grande núcleo de povoadores.

O já referido Francisco Xavier de Azambuja, tronco de numerosa e ilustre família sul-riograndense, obteve em 1754, uma sesmaria entre o Taquari e o Jacuí, onde fixou definitivamente sua residência.

A falta de portos marítimos e as contendas entre portugueses e espanhóis durante os dois primeiros séculos de nossa história fez, como observa o Pe. Rambo, retardar a colonização em nosso Estado.

A independência do Brasil em 1822,

vem assim facilitar o povoamento do Rio Grande do Sul, dando-se início a colonização sistemática da gleba gaúcha por imigrantes europeus, sem ser portugueses; porquanto, até 1824 apenas dos Açores eram recebidas famílias de agricultores. Teve então, nesta data, início a imigração de colonos alemães e austríacos, sendo fundada a Colônia São Leopoldo, com 26 famílias de agricultores, somando 122 pessoas, no local em que hoje está o município do mesmo nome. Nesta colônia havia, além do elemento europeu, o nacional.

E' de justiça salientar, conforme se verifica através a documentação da Diretoria de Terras e Colonização, da Secretaria da Agricultura, que o brasileiro esteve presente em quase tôdas as colônias estabelecidas em nosso Estado, e em geral sem o apoio oficial recebido pelo estrangeiro. Dadas é certo, a sua ignorância dos labôres de agricultura, em oposição ao colono europeu de saber solidificado por escolas agrícolas e experiências de várias gerações.

Novas levas de imigrantes germanos vieram chegando e em 1826 ficaram fundadas também, com elementos nacionais, as colônias **Dom Pedro de Alcântara** em Tôres onde se localizaram os católicos, e **Três Forquilhas** em Osório, para a qual se dirigiram os protestantes.

Depois somente em 1846 foi iniciada a colônia **Feliz**, em Caí, porquanto fizera a revolução Farroupilha sustar por 15 anos a corrente imigratória para o Rio Grande do Sul.

A colônia São Leopoldo que até 1830 havia recebido 5.000 imigrantes já em 1848 conseguiu sua emancipação político-administrativa, tornando-se município.

Houve a seguir um grande impulso de colonização sendo fundados núcleos coloniais quasi que anualmente e por vêzes até mais de um dentro do mesmo ano.

Assim ainda com elementos germânicos e brasileiros foi organizada a colônia **Mundo Novo**, por Tristão José de Monteiro, em 1846 no atual município de Taquara.

Monte Bonito organizada por Tomaz José de Campos na serra dos Tapes e Pedro II em Capão do Leão (Pelotas) pela Sociedade Auxiliadora da Colonização de Pelotas (1849), foram colônias iniciadas com elementos irlandeses que as abandonaram logo depois; **Santa Cruz** em 1849 iniciada com 62 famílias germânicas, compostas de 66 pessoas foi localizada em Rincão Del Rei, no município de Rio Pardo. Tornou-se oficializada esta colônia parti-

cular, através as leis de 18 de outubro e 4 de dezembro de 1851, baseadas na Lei Imperial número 514, de 28 de outubro de 1848, que concedera à Província 36 léguas quadradas para colonizar, dando assim início a legislação acerca de colonização.

A seguir, com elementos brasileiros além do alemão: **Sant'Ana do Rio dos Sinos**, em Caí (1850); **Corvo** em Estrêla (1851); **Santo Inácio**, em Lageado (1852); **Santa Clara** também em Lageado e **Arrôio do Meio** no atual município do mesmo nome (1853).

Com data de 3 de novembro de 1854 foi promulgada nova lei alterando o sistema antigo, o Walkefield, que consistia na distribuição de um lote de terra, ferramentas, animais e sementes aos agricultores, além do pagamento de subsídio, para a alimentação dos colonos no primeiro ano de permanência, passou a basear a colonização na compra de terras e em sua concessão ao colono a prazo e por preço módico.

Novas colônias foram organizadas na gleba riograndense com elementos brasileiros e alemães. Em 1855: José Inácio Teixeira, Sesmária **D. Joana**. Apolinário Moraes, Brochier, Bastos, Sesmária Machado, Data dos Mouros e Winter em Montenegro. Com elementos exclusivamente alemão: Conventos em Lageado, fundada por Batista e Fialho à margem direita do rio Taquarí; Estrêla, já com nacionais, no atual município do mesmo nome e Silveira Martins em Santa Maria, formada com colonos provenientes de São Leopoldo e Santa Cruz e mais alguns oficiais e soldados alemães, que haviam tomado parte na guerra da Cisplatina; Santa Maria da Soledade, para onde foram também enviados colonos franceses e Maratá, ambas no atual município de Montenegro, (1856). Ainda com elemento francês foi inaugurada a colônia São Feliciano, no atual município de Encruzilhada do Sul, 1857. No mesmo ano foram fundadas São Lourenço no atual município do mesmo nome e Santo Ângelo, em Cachoeira do Sul.

Nova Petrópolis em Caí e Pinheiro Machado e Boa Vista em Estrêla (1858) com elementos alemães e nacionais.

Monte Alverno no município de Taquarí, hoje fazendo parte do município de Santa Cruz do Sul (1859) e Rio Pardense, no atual município de Santa Cruz do Sul. (1860), São colônias povoadas por elementos austro-alemão.

A luta gigantesca que foi a guerra do Paraguai, de 1865 a 1870, sustentada pelo

Brasil, contra o tirano Solano Lopes fez novamente paralizar o movimento imigratório para as colônias riograndenses.

Em 14 de abril de 1874 com a inauguração da estrada de ferro no Rio Grande do Sul, na sua 1.^a Secção, da Capital a São Leopoldo um novo surto de progresso se fez sentir. A produção colonial passou a ser transportada em grosso, por via férrea, o que antes era feito por via fluvial ou lentamente em carros de bois através rústicas estradas cortando a densa mata na encosta do planalto.

Já toda a difusão dos açorianos fundadores de Viamão e Pôrto Alegre bem como a propagação dos núcleos coloniais se fizera usando a via fluvial, porquanto por terra mais difícil se tornava o acesso ao planalto, dada a profundidade dos vales, a densidade da mata sub-tropical e a falta de meios de transporte terrestre.

Foram os rios Guaíba, Jacuí, Pardo, Taquarí, Caí, dos Sinos e Gravataí, as grandes vias de penetração, que partindo de Pôrto Alegre, demandavam ao interland riograndense.

Em 1873 foram enviadas levas de imigrantes de nacionalidades suíça, belga e sueca para a colônia Santa Maria da Soledade, em Montenegro.

A seguir teve início em grande escala a imigração italiana com colonos oriundos, na maioria, da Lombardia e do Trentino, possuindo portanto, como fez notar Ernesto Pellanda, em seu trabalho intitulado «Aspetos da colonização italiana no Rio Grande do Sul» em «Album comemorativo do 75.^o aniversário da colonização italiana», a mesma origem indo-européia dos açorianos, alemães e austríacos aqui aportados aos quais se pode acrescentar os irlandeses, franceses, suíços, e belgas, já também entre nós.

Foi fundada, em 1874, a colônia Conde D'Eu, constituída em município em 31 de outubro de 1900, com o nome de Garibaldi, e em 1875 a colônia Princeza Isabel, constituída em município, com o nome de Bento Gonçalves, na data de 11 de outubro de 1890. Ambas as colônias foram localizadas em dois territórios de 4 léguas, cada um, situadas entre o rio Caí, campo de Vacaria e o município de Triunfo, concedidos pelo Governo Geral ao da Província através decreto de 1870, retornando ao Governo Geral em 1876.

No mesmo ano de 1875 novos imigrantes italianos foram enviados para o Rio Grande do Sul sendo instalados na já existente colônia de Santa Maria da Soledade.

dade, em Montenegro e em Duque de Caxias colônia fundada pelo Governo Geral e elevada a município, com o nome de Caxias, em 20 de junho de 1890. E' atualmente Caxias do Sul.

Ainda com imigrantes italianos foi criada em 1876 a colônia de Antônio Prado, que passou a município, com o mesmo nome em 11 de fevereiro de 1899, e colônias imigrantes alemães foi organizada a colônia Mariense, em terras particulares do Coronel Antônio Joaquim da Silva Mariante, em Taquari, fazendo parte hoje do município de Venâncio Aires.

Em 1877 foram criadas, com elementos alemães a colônia de Cerro Alegre e com elementos italianos, Silveira Martins e Canabarro tôdas em Santa Maria, de onde se difundiram os colonos para Júlio de Castilhos, Cachoeira do Sul e Arrôio Grande.

A seguir, em 1879, com elementos brasileiros foi fundada a colônia Alto Uruguai, hoje no município de Três Passos.

Com elementos germânicos e brasileiros foram organizadas as colônias: Benfica, no ano de 1879 e Piedade, em 1880, em Triunfo e Roca Sales, em 1881, em Arrôio do Meio.

Em Pelotas foi criada em 1881 a colônia Municipal, com brasileiros.

Com imigrantes alemães, foi criada Nova Santa Cruz, em 1884, atualmente localizada no município de São Pedro do Sul. E no mesmo ano teve início a colônia Alfredo Chaves, atualmente município de Veranópolis, com elementos italianos.

Em 1885 tiveram início as colônias particulares de Entrepelado em Santo Antônio, com elementos alemães e com elemento italiano as colônias Agudo, Fazenda Souza e Vitalina em São Francisco de Paula. No mesmo ano o governo da União organizou as colônias São Marcos, em São Francisco de Paula, constituindo hoje distrito de Caxias do Sul e Maciel, Afonso Pena, Albuquerque Barros e Acioli, localizadas na serra dos Tapes, em Pelotas. Na colônia Maciel havia, também brasileiros.

Ainda com nacionais e imigrantes procedentes da Itália foi iniciada a colônia Sinimbú, em Osório e com os oriundos da Alemanha, organizadas as colônias particulares de Cerro Branco em São Pedro do Sul, e Rio da Ilha em Santo Antônio, tôdas no decorrer do ano de 1886.

Em 1888 teve início a colonização, pelo Governo da União, com outro elemento étnico, o polonês, hoje grandemente disseminado no Estado especialmente a noro-

este, sendo Mariana Pimentel, pertencente ao município de Guaíba, o primeiro núcleo organizado.

No mesmo ano de 1888 várias outras colônias foram criadas, como Rolante, com elementos teuto, em Santo Antônio, Vila Nova, em Gravataí, com imigrantes alemães e italianos e ainda com estes dois últimos elementos a colônia de Barão do Triunfo, em São Jerônimo.

A colônia São Vicente criada com imigrantes alemães e elementos brasileiros, em 1889, é hoje o município de General Vargas. Neste mesmo ano foram criadas as colônias Jaguari, onde hoje é o município do mesmo nome e Saldanha Maranhão, no atual Carazinho, ambas com elementos alemães e italianos, havendo, ainda, na primeira, elementos brasileiros, russos e poloneses. Também a colônia São Xavier localizada em Júlio de Castilhos foi criada na data acima, com imigrantes poloneses, russos e alemães.

No município de Cruz Alta, foi criada em 1890 a colônia Ijuí, município do mesmo nome, desde 30 de janeiro de 1912, com elementos alemães, italianos, poloneses e russos. No mesmo ano tiveram início mais as seguintes colônias: Sanga Funda, em Pelotas e Canguçu, com elementos nacionais e alemães; Borussia, em Osório, com elementos brasileiros e italianos; Toropi, hoje no município de Tupanciretã, com imigrantes alemães; Ernesto Alves, em Santiago, com colonos italianos; São Feliciano, em Encruzilhada e Guaíba com elementos poloneses.

Em 1891 foi fundada a colônia Marquês do Herval, à margem do rio Maquiné (Tramandaí) no município de Osório, com elementos brasileiros, alemães e italianos. No mesmo ano, foram colocados elementos italianos nas antigas colônias alemãs de: Santo Inácio e Santa Clara em Lageado, Arrôio do Meio no município do mesmo nome, Sant'Ana do Rio dos Sinos em Caí, Três Forquilhas em Osório e Mundo Novo em Taquara.

A colônia estadual de Encantado, hoje no município do mesmo nome, foi criada em 1892, com elementos brasileiros, italianos e austríacos, tendo obtido sua emancipação política em 31 de março de 1915. Naquela mesma data foram criados em Soledade diversas núcleos coloniais, compostos de elementos brasileiros e italianos. Também são do mesmo ano as colônias de italianos Toroquá, hoje município de São Francisco de Assis custeada pela União e Guaporé, por iniciativa do Estado, criada nos municípios de Lageado

e Passo Fundo no vale do Alto Taquari, tendo passado a município com o mesmo nome em 11 de dezembro de 1903.

Nova forma de colonização trouxe a Constituição Federal de 1891, passando as terras devolutas ao domínio do Estado e em 1894 foram transferidas para este os encargos de colonização, continuando o Governo da União a fazer o transporte de imigrantes até a capital do Estado, correndo por conta deste as demais despesas até a instalação do colono nos lotes territoriais.

A colônia de nacionais de **Sertão Sant'Ana**, nos municípios de Guaíba e São Jerônimo foi criada em 1893.

Vilanova, em Porto Alegre, foi criada com colonos italianos, em 1894. No mesmo município foi localizada a colônia **Inácio Alves**, em 1896, com elemento brasileiro, também com nacionais havia sido em 1895 organizada a colônia **Pau-a-piquê**, em Santa Maria. Todas por iniciativa particular.

Em 1896 foram criadas com imigrantes alemães as colônias particulares **Favila** em Canguçu e **Santa Clara** em Cruz Alta.

Em 1897 foram criadas as seguintes colônias: **Xingu** (particular) no atual município de Sarandi, com elemento alemão; **Chimarrão** (Estadual) em Lagôa Vermelha, atualmente localizada no município de Nova Prata, com italianos; **Alto Jacui** (particular) em Passo Fundo, com ambos os elementos citados; e **Guarani**, que fora criada em 1880, ainda pela União e localizada nos municípios de Santo Ângelo e São Luiz, somente então recebeu colonos provenientes da Alemanha, da Polônia, da Rússia e da Holanda.

Em 1898 tiveram início os seguintes núcleos coloniais: **General Osório**, (particular) em Cruz Alta, com imigrantes alemães; e com elemento italiano **São Paulo** (particular) em Soledade e **Visconde do Rio Branco** (também particular) em Cruz Alta.

No ano seguinte 1899 foi organizada com elemento brasileiro, por empreza particular o núcleo de **Rincão dos Melos**, no atual município de General Câmara, com elemento alemão **Neu Württemberg** (hoje Pindorama) por iniciativa particular, nos municípios de Cruz Alta e Palmeira das Missões. E com colonos italianos os núcleos **Dorken e Cia.**, em Guaporé e **São Miguel** em Carazinho.

A colônia **Fão**, em Lageado, de iniciativa particular, foi criada em 1900, com elementos nacionais, alemães e italianos.

No mesmo ano, também por particulares, teve início o núcleo **Catupi**, em Triunfo, com elementos nacionais e alemães. Com elementos italianos a colônia particular de **Conceição**, em Santa Maria e com brasileiros a colônia **Vitória**, organizada por Frade Johansen, em Santo Ângelo.

Até o ano de 1900 a população colonial era estimada em 350.000 habitantes.

Sobradinho, colônia estadual criada com imigrantes alemães e italianos, em 1901 e localizada no município de Soledade, tornou-se também município, com o mesmo nome. No mesmo ano e com elemento italiano foram organizadas por particulares em Lagôa Vermelha, as colônias **Cacique Doble** e **Araçá**, fazendo parte, esta última, atualmente do município de Nova Prata.

Em 1902 foram criados os seguintes núcleos coloniais: de iniciativa particular **Cerro Azul** em São Luiz, com elementos nacionais e alemães; **Sananduva** em Lagoa Vermelha, com colonos italianos e **Pirapó em São Luiz**, com brasileiros; pela iniciativa do Estado, em Canguçu a 8.ª Seção da **Colônia Maciel**, com elementos brasileiros e italianos, **Itapuca** em Soledade, atualmente fazendo parte do município de Encantado; com colonos italianos e por determinação do município de Santo Ângelo, a colônia **municipal**, com elemento brasileiro.

Com imigrantes russos foi organizada por iniciativa particular, a colônia **Filipson**, em Santa Maria, no ano de 1904. Da mesma data são as colônias: **Gerisa**, em Passo Fundo, com imigrantes alemães e **São Ricardo**, em Lagôa Vermelha, com italianos, ambos núcleos coloniais organizados por particulares.

Em Canguçu e Pelotas foi criada por particulares, em 1906 a colônia **Gonçalves** aproveitando o elemento alemão. Da mesma forma e com o mesmo elemento foi organizada em Camaquã, a colônia **Santa Auta**. Também no mesmo ano, foi criada em Guaporé, a colônia **Bastian & Cia.** da mesma firma, com colonos italianos.

A colônia **Santa Bárbara** foi organizada por iniciativa particular, no município de Caçapava do Sul, em 1.º de agosto de 1907, com imigrantes italianos.

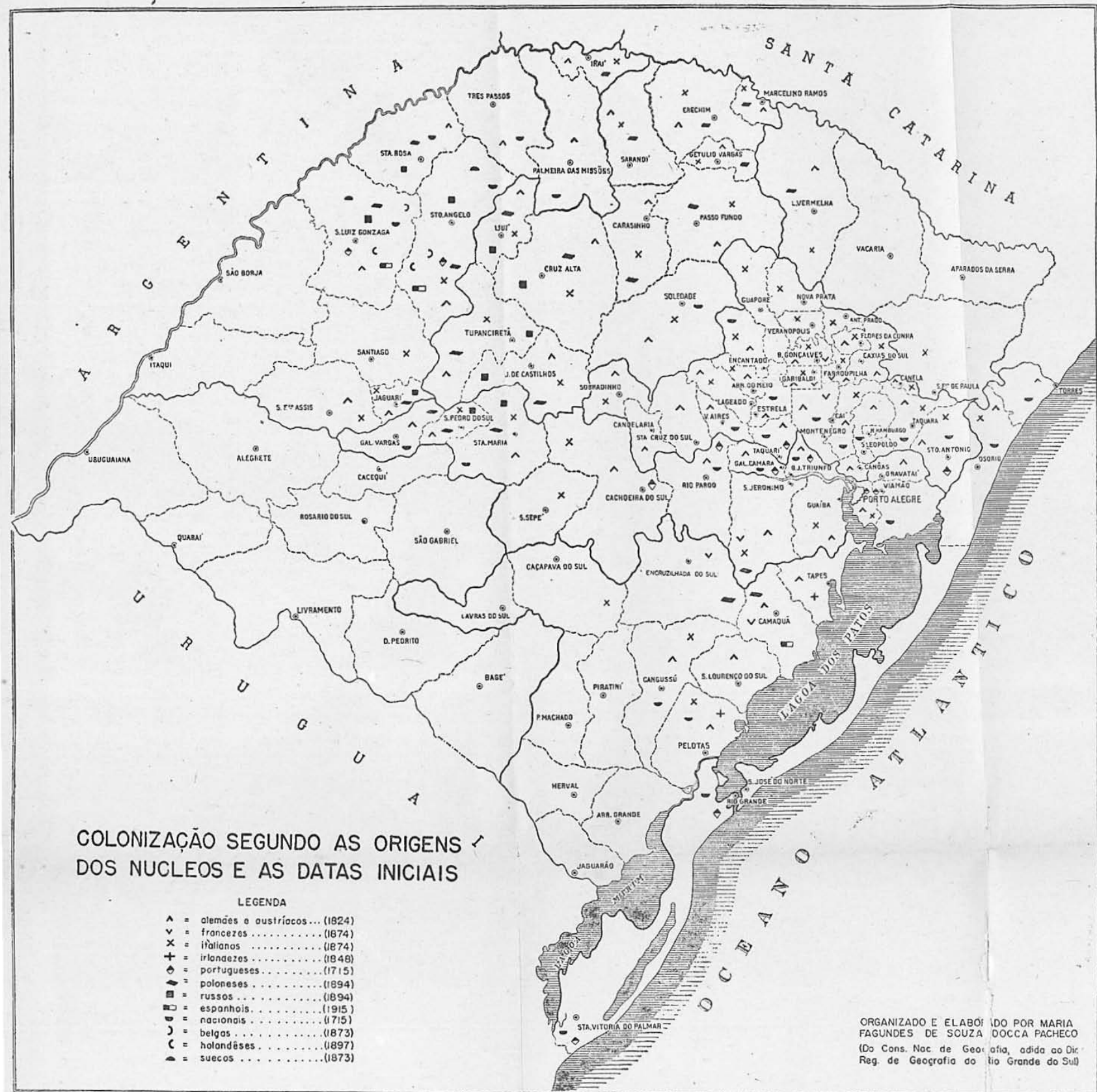
Ainda por organização particular teve início em 1908, a colônia **Deodrópolis** no município de Guaporé, com elementos italianos. Do mesmo modo **Helval e Souza**, em Canguçu, com imigrantes alemães. Pelo Estado foi na mesma data dado início à colônia **Erechim**, abrangendo os municípios de Passo Fundo e Lagôa Vermelha,

COLONIZAÇÃO SEGUNDO AS ORIGENS DOS NUCLEOS E AS DATAS INICIAIS

LEGENDA

- ^ = alemães e austríacos... (1824)
- v = franceses... (1874)
- x = italianos... (1874)
- + = irlandeses... (1848)
- o = portugueses... (1715)
- = poloneses... (1894)
- = russos... (1894)
- = espanhóis... (1915)
- = nacionais... (1715)
-) = belgas... (1873)
- c = holandeses... (1897)
- Δ = suecos... (1873)

ORGANIZADO E ELABORADO POR MARIA
FAGUNDES DE SOUZA DOCCA PACHECO
(Do Cons. Nac. de Geografia, adida ao Dir.
Reg. de Geografia do Rio Grande do Sul)



sendo elevada a município em 1918 e sofrendo desmembramento de parte de seu território para ser anexado ao município de Getúlio Vargas, criado em 1935. Foi organizada com os descendentes dos colonos alemães, italianos e poloneses já aqui radicados.

Por iniciativa particular foram organizadas as seguintes colônias: em Passo Fundo, no ano de 1909, formando hoje o município de Carazinho, os núcleos **Bôa Esperança** e **Coronel Selbach**, ambos com imigrantes alemães e com elementos italiano os núcleos **Forqueta**, em Lageado, hoje fazendo parte do município de Arrôio do Meio e **Campinas**, em Santa Maria. E pelo Estado na mesma data temos a colônia de **São Braz**, em Camaquã, trabalhada por poloneses e alemães.

Em 1910 foram organizadas as seguintes colônias: com elemento brasileiro, **Volta do Freitas**, em Santo Amaro, hoje General Câmara, **Buriti**, em Santo Ângelo e **Demarchi**, em Pôrto Alegre, todas de iniciativa particulares e criadas pelo Estado tivemos **Pontão do Ijuisinho** em Santo Ângelo e **Anta Gorda** em Encantado. Nêste último núcleo foram também colocados colonos alemães e italianos. Com imigrantes alemães foram organizadas por particulares as colônias **Barra Colorada**, em Passo Fundo, hoje no município de Carazinho e **Ernestina** em Passo Fundo. Ainda por iniciativa particular foi criada em Santa Maria o núcleo colonial de **Boca do Monte**, com elementos alemães e italianos.

A colônia **Macegal**, em General Câmara foi organizada com elementos nacionais e os núcleos **Sete de Setembro** (depois Independência) em Passo Fundo e **Ed. Palassin**, em Guaporé foram criados com colonos italianos. As três colônias referidas foram iniciadas em 1911, por particulares. E sem especificar o elemento colonizador foi, segundo o «Quadro das colônias do Estado» pertencentes ao cadastro da Diretoria de Terras e Colonização, da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, do Estado, criada em Erechim a colônia **Quatro Irmãos**, pela Jewish Colonization.

Por iniciativa particular foram criadas as seguintes colônias: **Potreiro**, em General Câmara, com nacionais; **São Francisco**, em Lageado, com elementos brasileiros, alemães e italianos; **Bôa Vista**, em Santo Ângelo, hoje Santa Rosa, fundada pela Confederação dos Lavradores Riograndenses, com imigrantes alemães; **D.^a Julia**, em Passo Fundo, com colonos

italianos. Pelo Estado foram criadas as colônias **São João Batista**, em Santo Ângelo com nacionais e Maráu, em Passo Fundo, com italianos. Todos estes núcleos coloniais referem-se ao ano de 1912.

Em 1913, foram criadas por iniciativa particular as colônias de **São Manoel e Solidez**, em Canguçu e **Weidlich**, em Passo Fundo, com elemento alemão e ainda **Nova Feltre**, em São Sepé, com italianos.

Com elementos brasileiros e alemães foi criada, em 1914, por iniciativa particular a colônia **Arroio Cotovelo**, em Passo Fundo, fazendo parte depois do município de Carazinho. No mesmo ano, pelo Governo estadual teve início a colônia **Itapuca**, em Encantado, com brasileiros e alemães. E com o intuito de amparar o elemento nacional fundou, ainda, o Governo do Estado a colônia **Santa Rosa**, ao norte dos municípios de Palmeira e de Santo Ângelo. Tomando um notável desenvolvimento foi a citada colônia elevada a município com o mesmo nome em 1931, acrescido ainda, de parte da colônia Guarani.

Nesse ano de 1914, tendo sido rescindido o contrato que o Estado mantinha com o Governo Federal acerca de colonização, voltou o regime da imigração expon-tânea, sem ônus para o Estado. A população colonial dessa época era computada em 500.000 habitantes.

Foram criadas, em 1915, por iniciativa particular as seguintes colônias: **Medorema**, em Lageado, com brasileiros, alemães e italianos; **Tesouras**, atual Cairé, em Palmeira das Missões com brasileiros e alemães; **Bonito**, em Camaquã, com alemães e espanhóis; **Barro**, depois Guarama, em Erechim, com alemães e italianos atualmente município; **Tamandaré**, em Passo Fundo, fazendo parte hoje do município de Carazinho e **São João** em São Sepé, com elemento italiano.

A última colônia criada por iniciativa do Estado foi **Guarita**, em Palmeira das Missões, com elemento brasileiro.

Ainda com a iniciativa particular na organização de novos núcleos coloniais, vemos surgir: Em 1918, com elemento alemão **Bandeirinha**, em Camaquã; com elementos brasileiros e alemães, **Pulador**, em Cruz Alta; com elemento italiano, **Forquilha**, em Lagôa Vermelha; e com elementos, italiano e alemão, **Sarandí**, em Passo Fundo, constituindo hoje o município de Sarandí; em 1919 temos **Rio Novo**, em Erechim com alemães e italianos; e por último **Vinte de Setembro**, em São Sepé com elemento italiano.

Até o ano de 1920 haviam entrado no

Estado cerca de 200.000 imigrantes. E a área colonizada por particulares atingia a 1.080.000 hectares, com uma população de 530.000 habitantes.

Restavam ainda em 1943, segundo o folheto inédito intitulado «Resumo Histórico da colonização do Estado do Rio Grande do Sul», do Dr. Artur Ambros, 8.000 Km.2 de terras devolutas, sendo 75% mais ou menos ocupada com moradores, além da área disponível situada no vale do rio Uruguai, que se destina à colocação da enorme descendência dos agricultores. Podendo, a população agrícola, de então, ser estimada em 1.500.000 habitantes, que se distribuíram em pequenas propriedades, com a área média de 25 hectares.

Hoje já não há mais imigração de colonos para o Rio Grande do Sul, tendo sido as zonas novas do Estado ocupadas por brasileiros, descendentes das velhas gerações de agricultores.

Este «melting-pot» admirável que é o Rio Grande do Sul anula a velha concepção racista, provando que mais forte do que as influências étnicas prevalece na humanidade o conceito cultural de civilização.

Assim, pois, imigrantes, alemães, austríacos e italianos, irlandeses, franceses, suíços, suecos, belgas, poloneses, com paulistas, mineiros e catarinenses — base étnica da gente gaúcha — formaram o Rio Grande do Sul e fizeram com que o nosso Estado seja hoje não só o celeiro do Brasil, como também um grande centro cultural, que honra a nossa Pátria, elevando-a entre as demais nações civilizadas.

BIBLIOGRAFIA

Ambros, Artur — Resumo histórico da colonização no Estado do Rio Grande do Sul (inédito).

Borges Fortes (Gen.) — Troncos Seculares.

Cadastro da Diretoria de Terras e Colonização — Quadro das colônias do Estado.

Pellanda, Ernesto — Aspectos Gerais da Colonização italiana no Rio Grande do Sul, in Album comemorativo do 75.º aniversário da colonização italiana.

Rambo, Padre Balduino — Fisionomia do Rio Grande do Sul.

TOPÔNIMOS SULRIOGRANDENSES

JERUA

Alvaro Batista Ilgenfritz
Diretor da D. T. C.

A cartografia do Rio Grande do Sul consigna o topônimo — Giruá —, que recebeu sanção oficial na divisão administrativa do Estado, figurando, assim, na relação dos distritos elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Atualmente está emancipado esse antigo distrito santoangelense, cujos habitantes o erigiram em município. E' chegada, pois, a oportunidade de recordá-lo e etimologia em face do seu significado toponímico.

A denominação em exame provém de um arroio tributário da margem direita do Rio Cumandá, que banha o município epônimo de Giruá.

Antes, porém, de entrarmos no conteúdo do vocábulo, façamos uma busca na bibliografia ao alcance de nossas mãos, definindo o seu significado.

ANSELMO JOVER PERALTA, no Capítulo «Argentina», de EL GUARANI EN LA GEOGRAFIA DE AMERICA, registra: «Yeruá». var. Yaroá — «Rio de los bizarros». Calabaza chica (Cucurbita Leucantha Dch. Cucurbitaceas). No capítulo Guianas, do mesmo livro, — consigna: «Yuruari. De yurú, boca y ári, sobre, através de: mas alla de la boca. O de yeruá, calabazilla, y de ri rio».

TOMAZ OSUNA, em colaboração com o mesmo Jover Peralta, em DICCIONARIO GUARANI-ESPAÑOL Y ESPAÑOL-GUARANI: «Yeruá. var. Yaroá — Nombre de una calabaza chica, Cucurbita Leucantha o de yirú, un ave Bariphengus ruficapillus güiratoro, y a, fruta: — fruta de güiratoro».

JULIO STORNI, citado por Peralta, assim define: «De ye, dicen; ru, tiene o está y á, grano, hinchazon: calabazas que tienen la corteza como ampollas».

ANTONIO RUIZ DE MONTTOYA, Arte, Vocabulário y Tesoro, diz: «Yeruá. calabacillos silbestres».

QUIRINO NUNES PEREIRA, em trabalho inédito, define: «Yuruá. Giruá — O boqueirão, boca larga, ampla»; antes, porém, em um opúsculo editado em São Luiz Gonzaga, adotara a interpretação do P. Gay: «Giruá — porongo amargoso».